

10 MAI 1988

ANCY

jornal da ta

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coeteno Álvares, 55, tel.: 856-2122



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRA
(1927 - 1969)

Só o Brasil continuará a pagar o preço da ideologia

Caminhando teimosamente na contramão da História, por obra e graça dos políticos que fazem da ideologia a sua razão de viver, o Brasil vai ficando cada vez mais marginalizado do pequeno círculo das nações desenvolvidas. O exemplo mais recente foi dado pelos nacionalistas empoeirados da Assembléia Nacional Constituinte, que, incapazes de se libertar das idéias do século XIX, querem transformar o País em palco de conflitos insolúveis. Sua atitude claramente hostil ao capital estrangeiro já está produzindo efeitos altamente perniciosos para a economia brasileira, que começa a ser riscada dos projetos de investimento das grandes empresas internacionais.

Como bem resumiu o presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos de São Paulo, Christopher Lund, em entrevista concedida ao jornal O Globo, as decisões da Constituinte são um convite para a saída de capital estrangeiro, que está sendo tratado "como um mal necessário e não como parte integrante do processo econômico brasileiro", não obstante o fato de que existe uma grande disputa pelo capital em todo o mundo. Segundo Lund, 75% dos capitais disponíveis dirigem-se para os países desenvolvidos e apenas 25% são investidos nas economias dos países em desenvolvimento, o que torna ainda mais dramática a situação do País.

Completamente alienados dessa realidade da nova economia internacional, os nossos arcaicos políticos da Constituinte certamente não atentaram para um fenômeno que Lund sintetiza com extrema felicidade na mencionada entrevista: no mundo inteiro há "o reconhecimento de que as leis que regem uma economia bem-sucedida e geram riqueza para uma nação são universais; o que varia é a forma de distribuição dessa riqueza. Quero dizer que a economia segue certos princípios que são universais. Não há crescimento sem investimento, seja qual for o país ou o momento".

E qual é a situação do Brasil nesse particular? O próprio presidente da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos de São Paulo responde: o Brasil investe anualmente, em termos per capita, menos da metade do que investe a Espanha, nove vezes menos que o Japão e os Estados Unidos e dez vezes menos que a Suíça. Para chegar a um crescimento de 7% ao ano, a economia brasileira precisa investir 25% do PIB, mas em 1987 esse índice foi de apenas 16%. E o capital estrangeiro, mesmo nos anos em que o Brasil conseguiu uma taxa de investimento de 25% do PIB, não passou de 4%.

Esses dados sugerem um fato que nossos políticos ultranacionalistas também desconhecem: o Brasil está longe de ser um dos países mais procurados pelos investidores internacionais. E agora, em virtude da burrice crônica de um punhado de homens que a demagogia do Plano Cruzado elegeu para o Congresso Constituinte, o mais certo é que o capital externo ignore nosso país. Isso, se efetivamente acontecer, será um desastre para nosso sistema econômico e para a parte mais pobre da população, que terá menos oportunidades de abandonar a sua miséria crônica, porém será um êxito notável para os cultores da ideologia. Teriam esses senhores desinformados (e mal-intencionados) consciência do que está acontecendo na Europa — o berço da ideologia — neste final de século XX? Acreditamos que sim, porém isso não importa para pessoas acostumadas a ver o mundo sempre através de suas distorcidas lentes ideológicas. Elas querem apenas "enquadrar" os fatos em seus conceitos e categorias elásticos, e afirm de lhes atribuir significados mais interessantes para seus objetivos políticos.

Essa é a razão que leva os nossos esquerdistas a fechar o País no mesmo momento em que a Comunidade Econômica Européia se prepara para romper as últimas barreiras nacionais na direção de um grande mercado de quatro trilhões de dólares, formado pelos 12 países, que a partir de 1993 passarão a operar sem "barreiras alfandegárias, fiscais e técnicas que empernam", como relata o correspondente da Gazeta Mercantil em Londres, "a circulação de produtos e serviços entre os membros desse clube político e econômico cujos estatutos originais foram votados por apenas seis membros fundadores, na cidade de Roma, em 1957".

Esse histórico acontecimento somente se tornou possível depois que a Europa, o cenário das duas mais sangrentas guerras da história da humanidade, descobriu que a ideologia, responsável pelas divisões políticas inconciliáveis, não tem a menor relação com o comportamento da economia, a não ser — como é o caso dos países socialistas e do Brasil do Congresso Constituinte — para empernar o progresso. Até a União Soviética, cuja economia sofre as conseqüências dos requisitos do stalinismo que ainda perdura no cerne da burocracia, sabe que a ideologia morreu e que a saída é adaptar-se o mais depressa possível às realidades da vida econômica como quer o primeiro-ministro Mikhail Gorbachov com a sua perestroika.

Assim como Gorbachov, o nosso ministro Mafilson da Nóbrega também quer fazer a sua perestroika, substituindo a ideologia dos defensores da estatização pelo respeito aos princípios básicos da economia política, mas não consegue vencer os interesses estabelecidos que impedem a modernização da nossa economia, pois ela representa o fim de seus privilégios. Para se avaliar como foi longe a nossa nomenclatura, basta citar o desabafo do presidente Sarney ao defender a redução do peso excessivo dos salários do pessoal do setor público no orçamento. Os trabalhadores do setor público, segundo o presidente da República, representam apenas 4% da força de trabalho do País e consomem 21% da massa salarial...

Aí está a ferida que o ministro Mafilson da Nóbrega quer curar e que coloca todos os super-burocratas na oposição. É óbvio que contra isso, que representa uma injustiça gritante para os quase 2/3 da população ativa que recebem no máximo dois salários mínimos, os nacionalistas extremados do Congresso Constituinte nada fizeram. Eles preferem lutar contra o fantasma do falecido imperialismo e fingir que não vêem essa dilapidação dos recursos do Tesouro por uma minoria de pessoas com as conexões políticas certas...

JORNAL DA TARDE 10 MAI 1988